

O “Evangelho de Judas”

1. A “descoberta”

Poucos dias antes da Semana Santa, todos os meios de comunicação anunciaram uma notícia bombástica: foi descoberto o “evangelho de Judas”. Muitas pessoas se apavoraram, entraram em crise de fé, alguns até começaram a dizer que agora teremos cinco Evangelhos na Bíblia. Na verdade, estão fazendo muito barulho por pouca coisa.

É verdade que um “evangelho de Judas” foi escrito, em grego, entre 150 e 180 depois de Cristo e ninguém sabe quem é o seu autor. Mas, com toda certeza, não foi escrito por Judas Iscariotes, o traidor de Jesus. É provável que foi escrito por membros de uma seita dos cainitas, de origem gnóstica, que não era aceita pela Igreja. Em 180 dC, Irineu, que era bispo de Lião, escreveu um texto contra as heresias e condenou, entre outros escritos, este “evangelho de Judas”. Portanto, desde o século II se sabia da existência deste escrito que fazia parte de tantos outros textos apócrifos.

Em torno do ano 300 dC, no Egito, foi escrita na língua copta, uma cópia deste “evangelho de Judas”. Este é o texto que foi encontrado em 1978. Depois passou por diversas mãos. Em setembro de 2000 foi adquirido pela Casa de Antiquários Tchacos da Suíça, que cedeu à Fundação Maecenas para conservá-lo, e em janeiro deste ano, vendeu-o por cerca de um milhão de dólares à National Geographic, e que iniciou a sua tradução para as línguas modernas. Portanto, somente agora, perto da Páscoa, quando se fala muito de Judas, é que foi julgado oportuno anunciar a “descoberta” ao público.

2. Os Apócrifos do Novo Testamento

Jesus viveu, anunciou o Reino, foi morto e, no terceiro dia, Deus o ressuscitou, depois subiu aos céus. Mas Jesus não deixou nada por escrito. No início, seus seguidores e seguidoras proclamavam os ditos e feitos de Jesus. Depois de algum tempo, sobretudo depois da morte de alguns Apóstolos, iniciou-se o processo de escrita dos Evangelhos. O Evangelista Lucas no início do seu Evangelho informa: “*Visto que muitos já tentaram compor uma narração dos fatos que se cumpriram entre nós...*” (Lc 1,1). Portanto, surgiram muitos textos sobre a vida de Jesus, sobre os Apóstolos e sobre as primeiras comunidades cristãs. Nem todos foram aceitos, pois nem todos eram completos e fiéis à mensagem anunciada por Jesus.

Os Livros que a Igreja julgou que eram inspirados pelo Espírito Santo passaram a fazer parte do Cânon do Novo Testamento, por isso, foram considerados “Canônicos”, da mesma forma como os Livros do Antigo Testamento. A lista dos livros do Cânon do NT foi fruto de decisões dos Sínodos e Concílios da Igreja. Basicamente eram necessários três critérios para um livro fazer parte do cânon:

- Apostolicidade: que fosse reconhecido e de acordo com os Doze Apóstolos;
- Leitura pública e oficial pela maioria das igrejas (sobretudo nas Sedes de Apostólicas);
- Que não tivesse nenhum erro de fé e doutrina (que não estivesse em contradição com a

Regula Fidei, transmitida na catequese batismal).

Foram aceitos como Livros inspirados: os quatro Evangelhos (Marcos, Mateus, Lucas e João), os Atos dos Apóstolos, as Cartas de Paulo e Hebreus, a Carta de Tiago, a Carta de Judas, as duas Cartas de Pedro, as três Cartas de João e o Apocalipse.

Os demais livros que ficaram de fora, foram considerados Apócrifos, isto é, não inspirados, embora continham muitas informações históricas importantes sobre a vida de Jesus e da Igreja¹.

Porém, já no início da Igreja surgiu a seita dos gnósticos. Estes pregavam se só chegamos a Deus pelo conhecimento. Afirmavam que o mundo é mau, o bem existia apenas na dimensão transcendental. Misturavam misticismo com filosofia. Surgiram várias correntes heréticas: alguns que diziam Jesus não era Deus; outros que Jesus só assumiu sua divindade na cruz (adocionismo); outros que Jesus era Deus, mas era homem só na aparência (docetismo), etc. Os gnósticos muitos outros Evangelhos e livros que nunca foram aceitos pela Igreja.

Portanto temos mais de 60 escritos que são considerados apócrifos,. Por exemplo: os evangelhos de Pedro, de Tomé, de Filipe, de Matias, de Barnabé, aos Hebreus, de Maria Madalena, etc. Na verdade, não foram estas pessoas que escreveram estes livros. A maioria foram escritos pelos gnósticos e para dar mais crédito, colocaram como autor uma figura importante da época de Jesus.

O Bispo Gelásio (falecido em 496) escreveu um texto, conhecido como *Decreto Gelásiano*, onde faz a relação de pelo menos 60 livros considerados apócrifos². Este “evangelho de Judas”, portanto, é mais um destes textos apócrifos, mas deveria ser tão pouco conhecido que nem sequer foi mencionado na lista do Bispo Gelásio.

¹ Os livros Apócrifos forneceram alguns dados importantes: a 6ª estação da Via Sacra onde Verônica enxuga o rosto de Jesus; o nome dos pais de Maria (Joaquim e Ana); a Assunção de Maria; o nome dos três Reis Magos (Melquior, Batazar e Gaspar), etc.

² Cf. L. MORALDI, *Evangelhos Apócrifos* (Paulus) p. 23-24.

3. O que diz o “evangelho de Judas”

Ainda não conhecemos todo o conteúdo do “evangelho de Judas”. Ele inicia com as seguintes palavras: “*Aqui se narra o segredo da revelação que Jesus fez falando com Judas Iscariotes...*”

O “evangelho de Judas” conta que Judas Iscariotes era o mais iluminado de todos os Apóstolos, isto é, era o favorito entre os Doze. Jesus teria escolhido Judas para ser o único a conhecer a verdadeira natureza de sua missão. Cristo teria conversado em separado com Judas durante uma semana e pedido que ele o entregasse aos romanos.

Os demais Apóstolos são acusados, pois estão em conflito com Judas. Este tem uma visão onde diz: “*Eu vi a mim mesmo enquanto os Doze³ discípulos me apedrejavam e me perseguiram*”. O texto diz ainda que Jesus lhe disse: “*serás maldito por gerações, mas reinarás sobre eles*”. Na visão Jesus teria feito uma promessa a Judas: “*Veja, eu te disse tudo. Abra os olhos, olha a nuvem e a luz que dela emana e as estrelas que a circundam. A estrela que indica o caminho é a tua estrela*”. O texto continua dizendo que: “*Judas levantou os olhos e viu a nuvem luminosa e nela entrou*”.

Está escrito ainda que Jesus teria dito a Judas: “*Tu superarás todos eles. Porque tu farás com que venha sacrificado o homem dentro do qual eu estou*”. Assim, entregando Jesus, Judas estaria ajudando-o a se libertar do corpo humano, e ainda ajudaria Jesus a liberar a sua entidade espiritual e a sua essência divina. Assim, Judas seria um personagem benéfico na história de Jesus.

No “evangelho” Jesus ri dos demais Apóstolos que ainda acreditam no “deus menor” do AT, aquele que criou o mundo. Jesus exorta os outros Apóstolos a olhá-lo e a compreender quem ele é de verdade, mas estes não entendem.

No papiro que foi descoberto falta a parte final. O “evangelho de Judas” se interrompe improvisamente assim: “*Esses (aqueles que vieram prender Jesus) aproximaram-se de Judas e lhe disseram: ‘o que fazes aqui? És um discípulo de Jesus?’ Judas deu a eles a resposta que queriam, recebeu deles dinheiro e o entregou*”. Não diz nada sobre a crucifixão, morte e ressurreição de Jesus.

Portanto, segundo o “evangelho” este era o destino de Judas: entregar Jesus para que ele fosse morto e assim seria libertado do corpo humano. Só então Jesus poderia manifestar a divindade que possuía dentro de si. Assim, Judas não seria um traidor, mas somente cumpria a missão que Jesus lhe havia pedido; seria o meio através do qual Jesus de Nazaré iria atingir o seu objetivo.

4. O que diz a Bíblia sobre Judas?

Até agora vimos a versão de um texto escrito mais de cem anos depois da morte de Judas, cujo autor pertencia a uma seita que era combatida pela Igreja porque continha muitas heresias.

Na Bíblia Judas Iscariotes é citado como sendo um dos Doze Apóstolos. É sempre o último nas listas dos Evangelhos Sinóticos e se diz “*que foi aquele que o entregou*” (Mt 10,1-4; Mc 3,14-19; Lc 6,13-16). O Evangelho de João também diz que Judas era um dos Doze e que queria trair o Mestre (Jo 6,71). João informa ainda que Judas era um *diabolos* (diabo) no sentido de “adversário” ou “informador” (Jo 6,70; 13,2). Ele se opôs que uma mulher de Betânia ungesse Jesus, dizendo que era melhor dar o dinheiro aos pobres, mas isso não quer dizer que fosse caridoso, e sim que queria ficar com o dinheiro “*pois era ladrão*” (Jo 12,4-6). Foi ele quem foi aos Sumos Sacerdotes oferecendo-se para entregar Jesus em troca de 30 moedas (Mt 26,14-15; Mc 14,10; Lc 22,3-6). Foi ele quem trouxe a tropa que veio prender Jesus no Monte das Oliveiras (cf. Mt 26,47; Mc 14,43; Lc 22,47), traíndo-o com um beijo (Lc 22,47-48). Mas João relativiza a traição de Judas, pois Jesus se identifica e entrega por conta própria (Jo 18,2-8).

É interessante notar que na Ceia Judas recebeu de Jesus o “pão molhado” (Jo 13,26). Este gesto era um sinal de muito amor. Jesus amou Judas, com certeza, na tentativa de fazê-lo desistir do seu projeto mau. Mas isso não quer dizer que Judas era o discípulo mais amado, pois em todo o Evangelho de João encontramos o “discípulo amado” (13,23-26.35; 18,15; 19,26-27; 20,2-10; 21,7.20.24) e que não é Judas.

A Bíblia nos conta de duas formas qual foi o final da vida de Judas Iscariotes. Segundo o Evangelho de Mateus, Judas retirou-se e foi enforcar-se (Mt 27,5). Mas os Atos dos Apóstolos contam que ele comprou um terreno com o dinheiro sujo e jogou-se precipício abaixo, arrependendo-se todo (cf. At 1,18-20). Ambos os textos querem nos dizer qual é o destino de quem traiu Jesus e não se arrependeu: a morte!. Porém, esta não era a única saída. Pedro negou Jesus e nem por isso foi se enforcar. Ao contrário chorou amargamente e foi reunir-se com a comunidade. Outro exemplo, Tomé quando está sozinho, fora da comunidade não acreditou, quando Jesus lhe aparece em comunidade acredita sem ver (cf. Jo 20,24-29). Judas nunca se mostrou arrependido, não procurou a comunidade e

³ Deveria ser Onze e não Doze, a não ser que já se inclui Matias que substituiu Judas (At 1,26). Devemos esperar a tradução oficial para ver se é assim no texto original ou é erro da tradução que ora temos.

foi sozinho para a morte. Ele poderia ter-se arrependido e, por maior que fosse seu pecado, seria perdoado se o seu arrependimento fosse sincero, uma vez que Jesus ensinou a amar e perdoar os inimigos (cf. Mt 5,44; 6,12).

Outro dado interessante é que os Atos dos Apóstolos nos informam que Judas foi substituído (At 1,15-26). Os Onze reunidos, sob a ação do Espírito Santo, escolheram Matias para re-compor o grupo dos Doze. Mas, atenção: Judas não foi substituído porque morreu, mas porque traiu! Em At 12,2 encontramos que Tiago, outro do Grupo dos Doze, sofreu o martírio, mas não foi substituído. No grupo dos Doze não pode permanecer um traidor!

5. Algumas conclusões

a) O texto encontrado é um documento importante. Tem um valor histórico muito grande. Ajudará a entender como pensavam os gnósticos e outros grupos hereges dos primeiros séculos.

b) Notícias exageradas dão conta que finalmente “se descobriu a verdade sobre Judas”. Ora, é apenas uma visão de Judas e que não foi levada a sério, tanto que se perdeu no tempo. Não é a primeira vez na história que alguém tenta reabilitar Judas Iscariotes. Já se afirmou que ele entregou Jesus para apressar a manifestação de Deus. Quando crucificassem Jesus, Deus Pai iria intervir e acabar com a dominação romana e libertar Israel, restaurando o Reino. Outros já afirmaram que o objetivo de Judas era entregar Jesus (o líder) e desencadear uma revolta popular contra os romanos...

c) Do ponto de vista bíblico nada muda. Este texto jamais vai entrar na Bíblia, nunca será considerado inspirado por Deus. Haverá sempre e somente quatro Evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João).

d) A visão da Igreja sobre Judas continuará se baseando naquilo que diz a Bíblia, no testemunho das primeiras comunidades, naquilo que ensinaram os Padres da Igreja e nos séculos de ensinamento da tradição cristã.

e) Nem por isso a Igreja afirma que Judas é um demônio ou que ele está no inferno. O julgamento cabe somente a Deus.

f) É certo que Judas nunca será um modelo para um cristão. Ele é um traidor. Era livre e, portanto, pôde escolher o caminho. Mesmo traindo, poderia ter voltado, pedido perdão e se reintegrar na comunidade. Os demais Apóstolos também erraram, tiveram dificuldade para compreender a proposta de Jesus, mas souberam crescer na fé, fazer caminho, mudar de idéia quando foi preciso.

g) A visão da Igreja, e da Bíblia também, é que ninguém vem ao mundo para trair ou para a perdição. Viemos ao mundo para realizar a nossa missão como pessoas humanas amadas e queridas por Deus.

h) Continuamos afirmando que em Jesus de Nazaré se manifestou a humanidade e divindade do Filho de Deus. Jesus é o Verbo Divino que se fez carne e habitou entre nós (Jo 1,14). Ele que estava junto de Deus e assumiu a nossa condição humana, tornando-se obediente até a morte de cruz e por isso Deus Pai o exaltou e retornou ao trono de Deus (cf. Fl 2,6-11). A morte de Jesus é uma consequência daquilo que Jesus viveu e anunciou. Ele enfrentou a cruz porque foi fiel ao Pai (e não necessariamente porque este era o seu destino).

i) Os Evangelhos que foram considerados inspirados têm autores muito bem credenciados e foram escritos levando em conta as comunidades onde foram anunciados, portanto, muito diferente deste que foi “uma visão” particular... Além do mais, valorizando um traidor, nega-se a Colegialidade dos Doze, tão cara à Igreja e ao NT!

j) Neste artigo utilizamos a expressão “evangelho de Judas” (entre aspas) porque Evangelho quer dizer “Boa Nova; Boa Notícia”. Segundo a Bíblia, esta Boa Notícia vem de Deus por meio de Jesus Cristo. A Boa Notícia de Deus é que o Pai nos ama e isso foi mostrado por meio do anúncio do Reino e da ação de Jesus Cristo. Portanto, este “evangelho de Judas” não pode ser uma Boa Notícia, pois é a negação de tudo aquilo que a Palavra de Deus e a Igreja sempre nos ensinaram!

ATENÇÃO: Na verdade foram descobertas 66 páginas. Destas, somente 26 páginas se referem ao “evangelho de Judas” que agora foi divulgado. Com certeza quando tiveram sido vendidos muitos livros e surgirem alguns filmes, serão tornadas públicas as demais páginas. Já se sabe que elas contêm um Primeiro Apocalipse de Tiago, uma Carta de Pedro a Filipe e um texto que os historiadores estão chamando “Livro dos Alógenos”. Portanto, ainda vamos ouvir muitas vezes falar desta tal “descoberta”!

Frei Ildo Perondi

Bibliista, Professor da PUC (Londrina-PR) - ildo.perondi@pucpr.br

PS. Este é um texto provisório, com os dados que temos disponíveis até o momento sobre o “evangelho de Judas”.